

Entre o retorno e a vida no aqui e agora: facetas da imigração haitiana em Porto Alegre

*Aliziane Bandeira Kersting**

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa começou como um processo de iniciação científica dentro do projeto “Identidades e Passaportes: minorias étnicas e cidadania” da professora Dr^a Denise Jardim. Um dos eixos do projeto centrou-se em pensar a recepção e acolhimento de mulheres haitianas no Sistema Único de Saúde em relação às dinâmicas do pré-natal na periferia da cidade de Porto Alegre. Essa iniciação à pesquisa e entrada no campo de debate da diáspora haitiana foi escrita como uma monografia de final de curso de graduação em Ciências Sociais. No que tange à pesquisa de mestrado, olho para a localidade, problematizo a forma como a cidade vai sendo modificada e modifica quem nela decide viver. E investigo que potências esse foco, em um “espaço” específico, pode conter em relação às teorias do campo da imigração transnacional (BASCH, BLANC, SCHILLER, 1993).

Escolhemos acompanhar as mudanças acontecidas em um determinado bairro da cidade que acolhe muitos imigrantes, em sua maioria haitianos e haitianas, mas também senegaleses e angolanos. Interessa-me discutir acerca dos limites de uma aplicação pragmática do trabalho de Abdelmalek Sayad, sobretudo em relação à proposta de SAYAD (2000) de que o “retorno” seria um princípio simbólico que torna válido e aceitável o projeto da imigração e que inscreve a circularidade da mobilidade entre destino e origem. Como princípio simbólico, entende-se que o retorno, na prática, nunca acontece porque ninguém volta ao mesmo estado de coisas que deixou em sua partida (SAYAD, 2000). Portanto, os imigrantes utilizam-se da narrativa de que “um dia voltarão” como uma ilusão que justifica e negocia a sua ausência para si e para os outros. Este trabalho acontece justamente a partir da potência dessa elaboração teórica, somado a uma Antropologia e seu modo de produção de pesquisa, a etnografia, como uma teorização junto com as pessoas, um modo de conhecer o social a partir da capacidade criativa dos interlocutores de pesquisa INGOLD (2006). Nessa linha metodológica, temos acesso a outras narrativas e dinâmicas imigratórias que não necessariamente estão sempre voltadas ao efetivo retorno.

* *Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul*
Contato: *lizi.kersting@gmail.com*

Portanto, objetivei através do trabalho de campo e de uma escuta atenta, matizar a teoria sobre imigração e pensar também a partir das realidades cotidianas de pessoas com nomes e narrativas. Quais são os sentidos possíveis dos lugares e localidades em que as pessoas vivem no presente imigratório? Poderíamos perguntar: o “retorno” pode ser reinventado ou ele é sempre conceitualizado e vivido da mesma forma?

2 QUESTÕES ÉTICAS E TENSIONAMENTOS DO CAMPO

Esta é uma escrita incômoda e desafiadora tendo em vista todo o imaginário de que é revestido o local de origem dos sujeitos de pesquisa, sua cor e idiomas. Parto da ideia central de que vivemos sob relações de poder de matriz colonial, como Aníbal Quijano (2010) propõe, ao cunhar o conceito de “colonialidade do poder”. Colonialidade seria a parte invisível, mas indispensável, da construção da modernidade. Ao se falar em modernidade, tem que se ter claro que a sua invenção é inseparável da conquista e subjugação dos territórios e povos do mundo. Há que se desvelar a modernidade como um construto que tem uma especificidade histórica e espacial concretas; ela nasce no século XV, junto da criação de um novo padrão de poder, a raça. Nesse sentido, estudar imigração haitiana passa por pensar em um território construído, nos últimos 200 anos, por um processo revolucionário que fez nascer a 1ª república negra do mundo ainda no começo do século XIX quando reinavam teorias que colocavam em questão a própria humanidade dos povos negros. E também é um território, se tivermos em perspectiva os 500 anos de continente americano colonial, palco de inúmeros saqueamentos cujas populações nativas sofreram constantemente com a ameaça ou o efetivo extermínio.

De fato, nos últimos 100 anos, o Haiti passou por processos ativos de empobrecimento, a partir de invasões, golpes de Estado, ditaduras financiadas e, mais recentemente, pela invasão das Organizações das Nações Unidas. O que nos faz questionar de que lugar e a que imaginário nos referimos quando denominamos a República do Haiti e ponderar quais as referências que escolhemos. Eu procuro demarcar um espaço de enunciação contra-hegemônico, fazer lembrar um Haiti vibrante, potente e capaz de produzir mudanças no mundo e o faço dialogando com a literatura de diáspora haitiana também. Como Pâmela Marconatto (2017) ensina-nos, não se trata de literatura marginal, de escritores e escritoras fora do *mainstream*, ou seja, fora dos círculos de literatura dominante, mas de intelectuais que circularam e circulam nos mais importantes centros de educação do mundo, cuja visibilidade é negada por conta da cor e origem de seus escritores. Essa literatura não é instrumental do ponto de vista de nos auxiliar a desvendar o “enigmático” Haiti, mas, em si, nos conta acerca de mundos possíveis, de sujeitos que encontraram na literatura a única forma de existir no mundo da imigração. Se não tivermos acesso a estes mundos, mais facilmente caímos nas armadilhas etnocêntricas de docilizar os imigrantes,

de não questionarmos os nossos próprios paradigmas. Eu busco na literatura haitiana algumas referências ético-metodológicas. Trago a passagem de um romance de Marie Vieux-Chauvet como uma orientação ética desde uma ótica anticolonial haitiana,

Assisto ao drama, cena por cena. Sou a única lúcida, a única perigosa e ninguém ao meu redor o suspeita (...) Se enganam. Eu saboreio, no entanto, minha vingança em silêncio. Minha vingança é o meu silêncio. (VIEUX-CHAUVET, 2012, p. 11).

Essa é uma fala de uma personagem feminina que faz com que tenhamos cuidado ao lidar com a noção de fragilidade ou submissão feminina no contexto haitiano. Não necessariamente os silêncios são faltas ou lacunas, mas talvez opções produzidas conscientemente por pessoas em busca de não serem enquadradas em estereótipos e narrativas planas. Pesquisar junto com imigrantes haitianos e haitianas nesse sentido não pode ser um ato inocente, é necessário produzir diálogos efetivos que deem espaço inclusive aos silêncios. De modo que aprendi que, mais do que não poder falar ou terem suas falas não ouvidas, muitos interlocutores e interlocutoras utilizam-se do silêncio como ferramenta particularmente potente ou como uma ação política deliberada nos jogos sociais de que fazem parte e, desafiando os pesquisadores e pesquisadoras a negociarem constantemente os termos de seus trabalhos e as relações estabelecidas.

Nesta pesquisa, uma grande questão são as relações assimétricas vindas do contexto de campo. Ao trabalhar com imigrantes negros vivendo em um bairro na periferia da cidade, muitos riscos estão envolvidos. Um dos riscos é o de assumir a fala do outro, de poder enunciar quem são, o que pensam e fazem, me tornar uma voz autorizada no cenário da imigração. Minha saída é a de produzir textos sempre menos sistemáticos do ponto de vista dos “imigrantes haitianos e haitianas na cidade de Porto Alegre” e dedicar-me a investigar como alguns sujeitos constroem cotidianos e narrativas acerca do vivido e suas condições de possibilidade. É uma tentativa de escrita parcial e sempre inacabada que pode nos levar um pouco mais adiante, ou pelo menos, a encantar-nos pelo que ainda não foi dito, ou seja, um encontro com o inesperado das vidas comuns.

3 O “RETORNO” COMO PARTE DAS DINÂMICAS DE IDAS E VINDAS LOCAIS

Se nos atermos à noção de imigrante como atopus, como alguém sem lugar e, portanto, sempre inclassificável e deslocado, proposta por Bourdieu (1998) e seguida por SAYAD (1998), muitos imigrantes com quem convivo parecerão contrariar essa categorização, já que, no cotidiano, esses sujeitos estão muito mais próximos da imagem de “produtores de lugar”. As dinâmicas da cidade, as

relações de vizinhança, as andanças e caminhos, os projetos e desejos, as casas, as esquinas e quintais serão destacados em meu trabalho como elementos potentes da vida em mobilidade, revelando localidades e percursos que dizem respeito à noção de retorno também. A partir da pesquisa de campo com imigrantes haitianos e haitianas na zona norte de Porto Alegre, descobre-se uma cidade em constante transformação, vibrante e quase sem bordas que a delimitem. É necessário mapear um território migratório na cidade que leve em conta as subjetividades dos sujeitos em mobilidade e seus processos.

A Prefeitura Municipal da cidade de Porto Alegre foi interpelada pelos movimentos sociais sobre a questão migratória antes mesmo de os migrantes serem uma realidade no sul do Brasil. Como Denise Jardim (2017) mapeia, a questão do contingente migratório que chegaria ao estado do Rio Grande do Sul, e provavelmente à capital, foi sendo alçada como uma questão importante na arena de interesse público no ano de 2012, dois anos antes da chegada dos haitianos e haitianas, assim como senegaleses, sem esquecer o grupo de ganeses chegados à Serra Gaúcha naquele ano. Ou seja, houve alguma antecipação dessa chegada, mesmo que, na realidade, as dinâmicas das instituições estatais no começo estivessem relutantes em promover as adaptações de rotinas institucionais ou em fazer provisão de honorários para o acolhimento desses grupos (JARDIM, 2017). A autora lança luz sobre a forma como as imigrantes haitianas em Porto Alegre, mas não tomando como uma especificidade delas, vão descobrindo os caminhos do mundo burocrático no Brasil e como esse mesmo mundo vai produzindo, sistematicamente, em certos momentos, sujeitos invisíveis ao Estado. Trazendo experiências de mulheres haitianas nas dinâmicas do Sistema Único de Saúde, a autora chama atenção para as zonas de abandono da cidade que são conhecidas há muito por nós, mas que passam a ser visualizadas através da experiência desses sujeitos.

Desde meados de 2014, a zona norte da cidade é local de residência de um número expressivo de imigrantes senegaleses e haitianos. Muitos motivos podem ser apontados para essa escolha: os baixos preços dos aluguéis das casas em relação a outras zonas da cidade e, a contratação do imóvel diretamente com o proprietário, não tendo que passar pelos trâmites imobiliários quase impossíveis de serem feitos por sujeitos em mobilidade, como a exigência de um fiador. Também a configuração do bairro, historicamente composto por trabalhadores da zona industrial da região, é de grande importância. Localizado no extremo norte da capital, o Sarandi é um dos bairros mais populosos da capital e configura-se como um “polo empregador” tendo em vista a taxa de empregos formais em relação a outros bairros da cidade. Foi o bairro de referência dos primeiros imigrantes, tendo um grande centro social (Centro Vida) que abrigou algumas vezes grupos vindos do norte do país. Hoje, o bairro apresenta uma configuração bastante interessante: de bairro operário, vemos surgir paralelamente um bairro também de imigrantes.

No Sarandi, como nas periferias de outras cidades, o planejamento do espaço dá-se conforme as necessidades, as contingências, formando assim lotes, terrenos de 2 ou mais casas, quase sem espaço verde, tudo preenchido

com quartos, casinhas - peças. É nesse “espaço-mundo” que os sujeitos desta pesquisa vão construindo suas experiências, seus modos de ser dentro do que há de possível nessa configuração. É em casas pequenas, de apenas 3 ou 4 cômodos, que a vida da imigração haitiana ganha forma também, é onde os parentes que chegam tentam acomodar-se até encontrar uma casa maior e trazer os seus cônjuges, filhos, outros primos e pais. Não há quem chegue sozinho, sem rede de amparo, sem um colchão para descansar o corpo dessas viagens cheias de escalas, contratempos, esperança e expectativas. A pilha de colchões, que encontrei tantas vezes em suas casas, demarca seus pertencimentos, seus comprometimentos e alianças. Como a etnografia de HANDERSON (2015) descreve, as casas construídas no Haiti por haitianos que estão em mobilidade, vivendo em outros países, demonstram que há a possibilidade de pensarmos as dinâmicas sociais da imigração através da configuração das casas construídas, dos objetos que há nelas, do circuito de cuidado, de empréstimo ou da própria construção da casa .

Desenvolvi um bom período de trabalho de campo, justamente dentro de uma casa que abrigava um pequeno comércio voltado para os imigrantes. Era uma central de remessa de dinheiro e telefonemas. Além da remessa de valores, há a possibilidade do envio de pacotes de alimentos: o casal tornara-se associado de uma empresa que entrega certos pacotes com produtos alimentícios direto na casa das famílias dos migrantes lá no Haiti. O imigrante paga para esse casal um determinado valor, o casal aciona a empresa C.A.M (Caribbean Air Mail), faz o envio do valor por depósito em conta e a empresa entrega a caixa na casa da família do imigrante no Haiti. O imigrante pode escolher se quer enviar um pacote que tenha cinco quilogramas de arroz, massa e feijão ou que tenha somente arroz e não tenha massa, mas tenha óleo e assim por diante. A central telefônica foi agregando outros serviços, como recarga de celular de todas as operadoras, fotocópias, envio de documentos por scanner. Esse comércio foi um dos pontos de referência no circuito da sociabilidade haitiana no bairro. Essa central foi criada e mantida como o empreendimento de um casal de haitianos, Wilma e João que, assim, tomam o lugar dos tradicionais “interlocutores principais” do trabalho de campo que desenvolvo.

Para além dos serviços de telefone, há também venda de créditos pré-pagos tanto para telefones no Brasil como para telefones fora do país. Há também o comércio de banana verde, que é um dos produtos mais importantes no sistema alimentar haitiano. Negociavam-se as sandálias trazidas do Haiti, vendiam-se pastéis fritos e, às vezes, podíamos encontrar um licor de leite típico (kremas). A banana verde tem centralidade nesse trabalho porque, em seu circuito, que começa com a compra na CEASA , distante 5 km do bairro, e posteriormente é vendida na rede de sociabilidade do casal. Podemos identificar que, onde poderia ser somente um exemplo de empreendedorismo, também há as marcas de um investimento bastante forte nos laços locais. Só se vende para quem eles conhecem e passam a conhecer, não há placas na frente de casa que anunciem o produto. O que há são redes sendo construídas constantemente que dão acesso

a produtos específicos. É o lugar também onde muitos se encontram ou ficam sabendo de notícias do Haiti, de seus parentes, de quem está vindo, voltando ou indo para outro lugar. Assim, as salas das diversas casas em que Wilma e João moraram no bairro tornavam-se sede de seus negócios simultaneamente.

Wilma é uma Madame Sara, uma comerciante tradicional no contexto haitiano e que tem com a circulação de produtos bastante familiaridade. Como demonstrei em KERSTING (2016), na versatilidade dos produtos que fazem circular e as diversas redes que ela e João acionam para isso, há a produção de um cotidiano perpassado por muitas redes, não somente ligado uma forma de fazer comércio, mas como uma maneira de tecer laços, de criar solidariedades e de estar junto com os seus no contexto de imigração. Para fazer circular os produtos típicos no contexto do bairro, muitos sujeitos eram acionados, há uma intensa troca de informações entre quem está vindo ou indo para o Haiti e que coloca em circulação uma série de encomendas e pedidos. Há um cotidiano ligado à reconstruir um sentimento de pertença e a trazer elementos que produzam familiaridade aos haitianos do bairro.

O comércio passou por inúmeras mudanças de endereço porque ocorria na sala de suas casas. A banana verde não está mais sendo vendida pelo casal, mas por outros sujeitos em outras casas. Wilma hoje trabalha como cozinheira em uma empresa, João segue com o comércio, mas agora também montou uma barbearia que abriga, ainda, a central telefônica e de remessas de dinheiro. No entanto, o que há nesses percursos de mudança e sociabilidade dentro de um bairro específico que remete à noção de retorno de SAYAD (2000).

4 “SE EU FICAR SÓ PENSANDO EM VOLTAR, EU NÃO FAÇO NADA DA MINHA VIDA”

A partir da pesquisa de campo foi possível acompanhar as mudanças no bairro, como o surgimento de igrejas evangélicas com cultos específicos para a comunidade haitiana; o movimento dos que se enchem de compatriotas a tomar alguma bebida ou somente conversar na frente de casa, durante as tardes de sábado; provar as comidas que chegam do Haiti nas malas dos recém-chegados; as mudanças de casa; os casamentos; os aniversários; as crianças correndo na rua ao chamado em Kreòl das mães haitianas e as respostas da criançada em português. Há o surgimento de localidade distinta na cidade, que pode ser compreendida a partir de um acompanhamento diacrônico, ou, mais especificamente, a partir de uma Antropologia em escala humana como Alban Bensa (2015) propõe. De acordo com esta pesquisadora, investigar o mundo social a partir dos atores e da maneira como concebem suas próprias práticas, construindo junto com eles o tecido social em sua historicidade progressiva (BENSA, 2015)

Extrapolo a dimensão da análise de grupo étnico ao me referir aos sujeitos pesquisados como pertencentes à comunidade haitiana na cidade de Porto Alegre. Na medida em que penso os sujeitos em seus cotidianos no

enfrentamento tático às estratégias normativas (DE CERTEAU, 1994), tento romper com uma visão eticizante atrelada sempre a uma referência nacional ou no marco das diferenças culturais. Nesse contexto, as dinâmicas locais serão relacionados a um processo global, transnacional¹ ou diaspórico, mas as relações não poderão ser visualizadas como fazendo parte de processos unívocos, mas emaranhados de influências simultâneas. Acompanhando as dinâmicas de vida de uma família de imigrantes haitianos, especialmente os projetos de moradia dentro da cidade, passo a entender que, para além das “estruturas comuns”, das ilusões do processo migratório, como relata SAYAD (1998), há toda uma série de estratégias e projetos cujos resultados são incertos posto que a realidade social está por fazer-se, sempre modificando-se.

A história de Wilma e João ilustra um argumento mais reflexivo aberto aos sujeitos e seus processos de elaboração de vida. Convivemos com João e Wilma desde 2014, quando acompanhamos parte do pré-natal de Wilma e o processo de reunificação familiar iniciado para a vinda de sua filha e de sua mãe, na época residentes no Haiti. Quando conheci João e Wilma, ela estava no quinto mês da gravidez de seu segundo filho e seu companheiro trabalhava em um posto de gasolina; fazia alguns meses que tinham vindo para Porto Alegre, depois de um ano e seis meses passados na cidade de Caxias do Sul. Eles vieram pela rota que sai de Porto Príncipe no Haiti, fazendo escala no Panamá, de onde seguiram para Quito (Equador), e depois Lima (Peru), partindo de barco pra cidade de Tabatinga, já no Brasil (Amazonas). Os dois haviam deixado filhos de outros relacionamentos no Haiti, mas somente Wilma buscava trazer sua filha para o Brasil, e foi através da abertura do processo de reunião familiar de sua filha, que deixara com a sua mãe de 70 anos, a qual não via há mais dois anos, que o nosso convívio tornou-se mais intenso.

Demos início ao processo de reunificação familiar, mediado pela Defensoria Pública da União, no final de setembro de 2014, mas demorou um pouco mais de dois anos para que sua filha e mãe chegassem a Porto Alegre em novembro de 2016. Tempo esse que abarca o início e término de meu primeiro período de pesquisa no bairro. De fato, o convívio com essa família e com o seu círculo social é uma escolha baseada na profundidade necessária à pesquisa crítica e criativa. Aposto na construção de um espaço de diálogo que não seja somente de uma entrevista pontual, mas de uma série de conversações que abrem a possibilidade de esses sujeitos narrarem suas histórias. Nesse caso, é preciso que haja uma escuta demorada através de perguntas não restritivas, mas que possibilitem contar uma história de vida. É necessário maturar a palavra do outro, dar tempo, pausar os momentos, para que, junto com os sujeitos da pesquisa, possa ser decidido que rumos serão tomados.

O casal viveu em uma série de casas no bairro Sarandi, dinâmica bastante comum para pessoas que vivem em moradias alugadas. No ano de 2017, depois de uma malsucedida ocupação de um terreno no bairro, compraram um lote de terra em uma ocupação urbana longe do centro do bairro, mas já bastante consolidada no desenho urbano. Embora o termo “casa própria” tenha limites

bem mais precisos quando lidamos com sujeitos em mobilidade que, não necessariamente têm essa espécie de “sonho brasileiro” como grande meta, há a possibilidade de esse movimento também compor o repertório de intenções e projetos deles. Sob outros pressupostos, ter comprado um local de moradia não representa uma imobilidade ou uma sedimentação da vida, mas potencializa, por exemplo, que outros familiares projetem um espaço melhor nos primeiros momentos de chegada ao Brasil. À parte de uma discussão acerca da vivência transnacional desses interlocutores, experiência que não pode ser ignorada, haja vista que há uma preocupação, trocas constantes, viagens, projetos que estão sempre vinculando o Haiti no cotidiano (HANDERSON, 2015), interessa-me também pensar os sentidos do “presente”, os sentidos reivindicados pelos próprios imigrantes acerca do que fazem e projetam.

5 CONCLUSÃO: O HAITI É AQUI TAMBÉM

Lembro Manoel Ruiz que, ao questionar o conceito de imigrante, esse estatuto deliberadamente outorgado a certos indivíduos no contexto das grandes metrópoles, observa que a própria noção de cidade indicaria a premissa de uma população imigrante. Nesse sentido, todos de uma determinada cidade são imigrantes, ou seja, a dimensão de uma cidade deve-se à sua capacidade de atrair pessoas. Es por ello, por lo que en la ciudad nadie debería ser considerado intruso, basicamente porque no existe nadie que no lo sea (RUIZ, 2003, 9-24). Questionando a situação dos imigrantes na Europa como um problema a ser resolvido em termos de excepcionalidade, propõe que a população designada como imigrante está implicada em um imaginário que separa o supostamente autóctone e o estrangeiro, o interior do exterior, como categorias fixas. Isso implica não questionarmos por quanto tempo um sujeito pode ser considerado imigrante, bem como a possibilidade das nomenclaturas de imigrante de primeira, segunda ou terceira geração. De fato, ao considerar homens e mulheres haitianas e haitianos dentro do contexto local de mobilidade intraurbana com todas as suas dinâmicas ao lado da “população autóctone” da zona norte de Porto Alegre” visualizam-se espaços de interação, de solidariedade e pontos de contato que poderiam ilustrar a riqueza de uma pesquisa dos mundos e relações em escala “nano” social.

Termino essa escrita, recuperando o argumento inicial e indicando o caminho seguido e sua força motriz. De fato, o retorno é essencial no mundo da imigração como operador simbólico de impossibilidades concretas, mas há uma dimensão bastante interessante: o retorno como um investimento nas relações locais no lugar de destino. É nessa espécie de comunidade desterritorializada que, justamente, o território emerge e as relações sociais surgem. Recordo um episódio de trabalho de campo onde João, ao me relatar que, além da casa em que moravam, havia comprado o terreno da frente e convencido um casal de amigos a comprar o terreno ao lado do seu em uma ocupação. Naquele dia,

questionei-o acerca do que aquela compra significaria em suas vidas e perguntei o que fariam se decidissem voltar para Haiti. Categoricamente ele me respondeu “se eu ficar pensando só em voltar, eu não faço nada da minha vida”.

João nesse instante instaura uma espécie de tempo presente a ser atualizado no contexto da imigração. Sugiro pensar que ninguém vive para um retorno, pois o retorno torna-se um projeto, entre tantos, que o próprio deslocamento faz ou não possível. Talvez tenhamos que pensar no que, de fato, surge no encontro entre os “imigrantes” e a “população local”.

NOTAS

¹ Transnacionalismo é um conceito caro aos estudos imigratórios mais recentes porque evidencia uma multiplicidade de fluxos e redes em um cenário internacional que produz diversos tipos de pertencimento e surgimento de processos identitários que complexificam a relação entre estado-nação/território/cidadania/identidade. Glick-Schiller, BASCH e BLANC-SZANTON (1993) dão uma definição para transnacionalismos que abarca os processos migratórios onde uma diversidade de elementos cruzam fronteiras junto com as pessoas. O que importa nessa perspectiva são as múltiplas relações que os imigrantes desenvolvem, mantêm e que ultrapassam as fronteiras. Os transmigrantes agem tendo como pano de fundo um campo de relações sociais entre o país de origem e seu país de estabelecimento ou os diversos países das rotas imigratórias. (Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1993)

REFERÊNCIAS

- BASCH, L.; SCHILLER, N. G.; BLANC, C. S. **Nations Unbound**: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and the Deterritorialized Nation-State. Gordon and Breach, Langhorne, PA, 1993
- BENSA, A. **Después de Levi-strauss**. Por uma antropologia em escala humana. Una conversación con Bertrand Richard / Alban bensa ; Pról. João Pacheco de Oliveira ; Trad. Liliana Padilha Villagomez. – México : FCE, 2015. 145 p.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano Artes de Fazer** . Editora vozes Ltda, 1994.
- HANDERSON, J . **Diáspora**. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa/ Joseph Handerson. –Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015
- JARDIM, D.F. **Imigrantes ou refugiados?** Tecnologias de controle e as fronteiras. Jundiaí, Paco Editorial, 2017
- KERSTING, A. B. “**Madame Sara não tem saison**”: Enfrentamentos e inventividades da migração haitiana em Porto Alegre /Aliziane Bandeira Kersting. 2016.69 f.
- MARCONATO, P. M. “**NOU LED, NOU LA!**” “ESTAMOS FEIOS, MAS ESTAMOS AQUI!” Assombros haitianos à retórica colonial sobre pobreza. Tese de doutorado em Sociologia, Porto Alegre, 2017.
- MIGNOLO, W. **Desobediência Epistêmica: retórica de la modernidade**. *Lógica de la Colonialidad y Gramática de la Descolonialidad*, 2010, Buenos Aires. 11__

RUIZ, M. D. ¿ QUIÉN PUEDE SER “INMIGRANTE” EN LA CIUDAD? In.: **Exclusión social y diversidad cultural**, 2003, ISBN 84-87303-71-4, págs. 9-24

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998, 299 pp.

SAYAD, A. O retorno: elementos constitutivos da condição do imigrante. **Travessia**, número especial, 2000.

SPIVAK, G. C. **Pode o Subalterno Falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte.

VIEUX-CHAUVET, M. **AMOR, IRA Y LOCURA**. Traducción del francés de José Ramón Monreal, Barcelona 2012, Ed, Acanalado.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir acerca das formas como imigrantes (mulheres, homens adultos e crianças) vão negociando suas vidas nas cidades de destino, construindo sociabilidades, territorialidades e cotidianos que dizem respeito também à produção do “retorno”. Objetiva-se deslocar a centralidade das teorias transnacionais e problematizar a “escala local” e seus sentidos. Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado com algumas famílias haitianas na zona norte da cidade de Porto Alegre (RS). As trajetórias e narrativas de um casal de haitianos que acompanho e seus negócios, empreendimentos, as casas, os sonhos, a reunificação familiar e suas conquistas tomam espaço para o diálogo com o trabalho de SAYAD (2000) ao lado da proposta de Alban Bensa (2006) de uma Antropologia em escala humana como uma forma de sairmos das macroexplicações e os exotismos criados pelos quadros teóricos acerca da alteridade.

Palavras-chave: Imigração haitiana, reterritorialização, retorno

ABSTRACT

The present work aims to discuss about the ways in which immigrants (women, adult men and children) are negotiating their lives in the cities of destination, building sociability, territoriality and daily life that also concern the production of the “return”. The objective is to displace the centrality of transnational theories and problematize the “local scale” and its meanings. This paper is an excerpt from my master’s research with some Haitian families in the northern area of Porto Alegre (RS). The trajectories and narratives of an accompanying Haitian couple and their businesses, enterprises, homes, dreams, family reunification and their achievements make room for dialogue with the work of SAYAD (2000) alongside Alba Bensa’s proposal (2006) of an Anthropology on a human scale as a way out of the macroexplanations and the exoticisms created by the theoretical frameworks about otherness.

Keyword: Haitian immigration, reterritorialization, return